

O baixo astral do TCG

AJ 11.688

Puppa Gatti

Quem sonhava com um Carlos Gomes iluminado, pode descansar, fechar os olhos, e só tornar a abri-los próximo ao verão. A vontade de confeitar o Teatro é muita, assegura o diretor do DEC, Maurício Silva, mas colocá-la em prática é demorado.

O montante das verbas ele guarda a sete chaves. Mas, curiosamente, diz que dinheiro não é problema neste caso. Como são muitas as partes a serem remodeladas, é fundamental definir prioridades.

Nesta lista entram o som, o ar refrigerado, as pinturas externas e interna, as cortinas (retiradas dos camarotes e do palco), a decoração do hall inferior e superior e a instalação do bebedouro. Para começo de conversa.

Mais tarde, a cidade pode até conhecer uma Sociedade dos Amigos do Teatro Carlos Gomes, nos mesmos moldes da que funciona no Rio. A sugestão é de Maurício. Colocada à mesa, ele vai esperar os aplausos ou vaias.

Em um País onde a cultura é olhada de escanteio, cuidar das artes não é tática muito indicada. Se é difícil para os técnicos à frente de seleções mais competentes - Rio e São Paulo -, imagine por aqui...

E assim, por maior que seja a boa vontade de alguns, no final sempre vale mais uma ponte com placa do que um teatro bem restaurado.

O jornalista e antigo diretor do Teatro Carlos Gomes, Marien Calixte, não tem dúvidas de que o prédio da Praça Costa Pereira é um dos mais belos do Brasil. Lamenta o descuido,



Fotos de Cyro Denaday

A falta de preservação se confunde com o desrespeito aos pichadores

mas reconhece as limitações administrativas.

Para ele, Christiano Dias Lopes é quem deve receber os louros, na hora em que se fala sobre o Teatro. Na ocasião em que foi reinaugurado, o então ex-governador deu carta branca para as obras.

Foi reunida uma equipe para este fim, com disponibilidade de adquirir o que fosse necessário para atender o projeto original. O público, na ocasião, ganhou um delicado presente embrulhado com laço de cetim.

Neste início da década de 70, tão importante quanto a determinação do dirigente estadual, foi a sensibilidade da decoradora Ângela Maria de Oliveira Santos.

Encarregada de traçar as cores do Teatro, ela conseguiu vestir elegantemente o local, sem tirar sua simplicidade. Entre veludos vermelho, ocre e verde musgo, papéis de parede sóbrios, e móveis envelhecidos com pinceladas de ouro, muita gente passou noites inesquecíveis.

E o que se preza, onde se guarda? No coração, como Ângela colou a imagem do Teatro recém-remodelado. A cópia do modelo permanece ainda na sua estante, à disposição dos interessados.

Animada com a possibilidade de tirar do papel - novamente - sua criatividade, ela espera apenas o convite oficial. E se depender de Maurício, um almoço cultural sela todos os entendimentos.

“O Teatro, hoje, nem se compara ao de antigamente. São grandes as deficiências. Para o Carlos Gomes brilhar de novo, temos que conservar o estilo, as características originais, levando em consideração a parte técnica

e estética”, explica a decoradora.

Mas na hora de somar a utilização com a conservação diária, o resultado é sempre fracionado. O fato é histórico, em se tratando de casas de espetáculo.

De acordo com o atual diretor do TCG, Rômulo Musiello Filho, o teatro teve uma redução de público de aproximadamente 50%, só no ano passado. As razões são incontáveis.

“Como administrador, tenho de me preocupar com a funcionalidade do espaço. Se encenar muitos espetáculos, o deterioramento é muito maior”, avalia Rômulo.

Aqui, a conservação é inversamente proporcional à utilização do Teatro. E os problemas se intensificam com a impossibilidade de se alterar a arquitetura de imóveis já tombados.

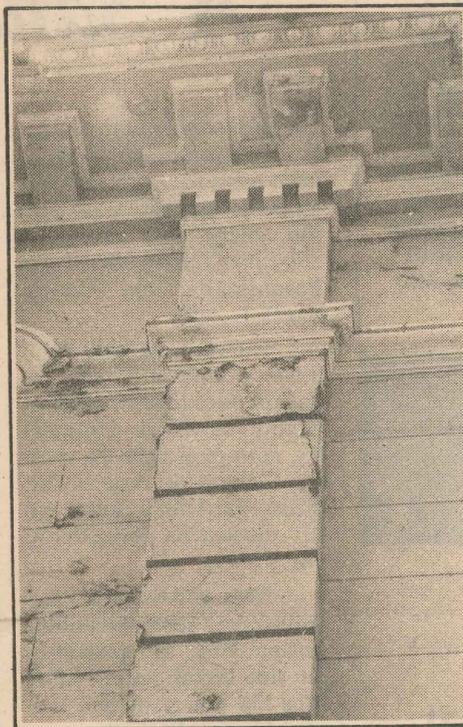
“Em 1929, não se imaginava as exigências acústicas de 1990”, compara Rômulo. E nem que a receita arrecadada pelo Teatro teria que ser irremediavelmente dividida com o Departamento Estadual de Cultura (o Teatro pertence ao DEC).

“Você gera receita e não tem acesso imediato. O Teatro é um espaço vivo e carece de manutenção. É uma pena!” Enquanto conversa, Rômulo não desvia a cabeça dos cálculos que mensalmente faz quando precisa pagar seus 17 funcionários.

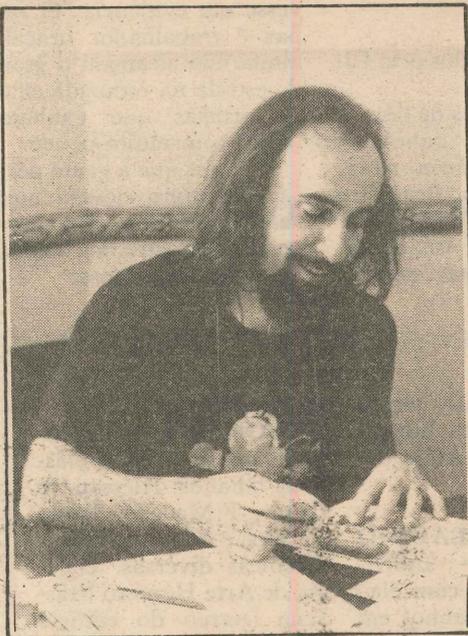
Mas por que esta dificuldade tão grande em gerenciar um teatro? Maurício é sintético: a mão-de-obra é reduzida. Pouca gente tem experiência na área, e o que é pior, condições para trocar tanta dor-de-cabeça por um salário tão pequeno.

Para ocupar este cargo, fundamental é ter amor pelo teatro. Em primeiro lugar.

De outro modo, tanto Marien Calixte, o próprio Maurício Silva (quem dirigiu o Carlos Gomes por mais tempo), Renato Saudino ou Rômulo Mussiello, procurariam empregos mais seguros, e não perderiam um espetáculo. Mais cômoda que a poltrona de comandante, é a cadeira de espectador.



São muitas as partes a remodelar



Mussiello: preocupado com o espaço

TEATRO CARLOS GOMES

Projetado por André Carloni, a construção tomou por base o Teatro Scalla de Milão. Sua arquitetura revela influências diversas de formas e estilos. Situado na Praça Costa Pereira, um dos detalhes que mais chamam atenção em seu interior é a cúpula

pintada por Homero Massena. A sala do Teatro acomodada hoje 485 espectadores, além dos convidados distribuídos entre os 34 camarotes. No andar superior possui duas salas, além da sala de espera do térreo.